

Lição 11: Como algo é dito ser predicado como universalmente comensurado

“b27. Denomino 'comensuradamente' — b28. do que claramente se — b29. O atributo essencial — b32. Um atributo pertence — b34. Assim, por exemplo, (1) o — a1. e a demonstração

Após determinar sobre o "dito de todo" e o "dito *per se*", o Filósofo aqui determina acerca do "universal". Este tratamento divide-se em duas partes. Na primeira, ele mostra o que é o universal. Na segunda, como ocorre o erro em nosso entendimento dele (74a4) [L. 12]. Quanto à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra o que é o universal. Segundo, como o demonstrador usa o universal (74a1). Quanto à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que o universal contém em si os atributos de "ser dito de todo" e de "ser dito *per se*". Segundo, mostra o que o universal acrescenta a eles (73b33).

Para entender o que está sendo dito aqui, deve-se notar que "universal" não deve ser tomado aqui no sentido de que qualquer coisa predicada de vários seja um universal, como quando Porfírio trata dos cinco universais; antes, "universal" é tomado aqui segundo uma certa correspondência ou comensurabilidade do sujeito com o predicado, de modo que o predicado não é encontrado fora do sujeito nem o sujeito sem o predicado.

Com isso em mente, deve-se notar que ele faz três coisas quanto ao primeiro ponto. Primeiro (73b27), ele diz que o universal, a saber, o predicado, é tanto verificado de todo, i.e., é predicado universalmente de seu sujeito, quanto é dito *per se*, i.e., está no sujeito e lhe pertence segundo a natureza essencial do sujeito. Pois muitas coisas são ditas universalmente de certas coisas às quais não pertencem *per se* e enquanto tais. Assim, toda pedra é colorida, mas não precisamente enquanto pedra, mas enquanto tem uma superfície.

Segundo (73b28), ele tira uma conclusão disso e diz que, uma vez que o universal é algo que está *per se* em uma coisa, e uma vez que foi mostrado que tudo o que está em algo *per se* está nele necessariamente,

é óbvio que os predicados universais, como estão sendo tomados aqui, estão necessariamente presentes nas coisas das quais são predicados.

Terceiro (73b29), para que ninguém suponha que "*per se*" e "precisamente enquanto tal", ambos mencionados na definição do universal, sejam diferentes, ele mostra que são os mesmos. Assim, "ponto" está *per se* na linha no primeiro modo, e "reto" no segundo modo. Pois cada um está na linha precisamente enquanto ela é uma linha. Da mesma forma, "dois ângulos retos" pertence ao triângulo precisamente enquanto triângulo, i.e., seus ângulos são iguais a dois ângulos retos, o que está *per se* no triângulo.

Então (73b33) ele mostra o que "universal" acrescenta às noções de "ser dito de todo" e "ser dito *per se*". Quanto a isso, ele faz duas coisas:

Primeiro, ele diz que um predicado é "universal" quando não está apenas em cada coisa da qual é afirmado, mas demonstra-se estar primeiro ou primariamente na coisa que recebe esse predicado.

Em segundo lugar (73b34), ele esclarece isso com um exemplo e diz que "ter três ângulos iguais a dois retos" não se encontra em qualquer figura em geral, embora isso possa ser demonstrado de alguma figura, porque é demonstrado do triângulo, que é uma figura; contudo, não se encontra em qualquer figura aleatória, nem se usa qualquer figura quando é demonstrado. Pois um losango é uma figura, mas não tem três ângulos iguais a dois retos. Mas um isósceles, isto é, um triângulo com dois lados iguais, sempre tem seus três ângulos iguais a dois retos. No entanto, o isósceles não é a coisa primária à qual isso pertence, pois pertence basicamente ao triângulo, e pertence ao isósceles precisamente na medida em que é um triângulo. Portanto, tudo o que se demonstra ter basicamente seus três ângulos iguais a dois retos (ou qualquer outra coisa assim demonstrada), o predicado universal está presente nele primariamente, como no triângulo.

Em seguida (74a1), ele mostra como um demonstrador usa o "universal", dizendo que a demonstração diz respeito *per se* a tal universal, mas às outras coisas de modo qualificado e não *per se*. Pois um demonstrador demonstra um atributo próprio de seu sujeito próprio; e, se o demonstra de qualquer outra coisa, só o faz na medida em que isso diz respeito àquele sujeito. Assim, ele prova que alguma propriedade do triângulo pertence a uma figura e a um isósceles precisamente como alguma figura é um triângulo, e como o isósceles é um triângulo. Mas a razão pela qual "ter três" não está no isósceles primariamente não é porque não é predicado dele universalmente, mas porque se encontra mais frequentemente, isto é, em mais coisas do que no isósceles, já que isso é comum a todo triângulo.